



APRESENTAÇÃO DA CAPA

MARIA BEATRIZ NASCIMENTO

A intelectual que ilustra a capa desse número é a historiadora, professora, poeta e ativista **Maria Beatriz Nascimento**.

Nascia em Aracaju, capital do estado do Sergipe, há mais de 80 anos, no dia 12 de julho do ano de 1942, Maria Beatriz Nascimento, mais conhecida por Beatriz Nascimento, filha de Rubina Pereira que trabalhava como dona do lar e de Francisco Xavier do Nascimento que exercia a profissão de pedreiro, uma dos 10 (dez) filhos do casal, sendo 7 (sete mulheres) e 3 (três) homens. Beatriz Nascimento uma jovem negra e nordestina, com apenas 8 (oito) anos de idade, junto com toda a sua família imigrou para a cidade do Rio de Janeiro, passando a morar no bairro Cordovil, localizado na Zona Norte da cidade.

Após concluir seus estudos em escolas públicas, em 1968 Beatriz Nascimento ingressa no curso de graduação em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e nesse mesmo ano acabou vivenciando e tendo intenso contato com movimentações políticas e culturais, dentro e fora do Brasil, como as passeatas do movimento estudantil na cidade do Rio de Janeiro e os protestos e manifestações antirracistas que ocorreram nos Estados Unidos em 1968. Nesse momento, Beatriz dá início ao seu ativismo político.

Em 1970 teve sua única filha, Bethania Nascimento Freitas Gomes, com o arquiteto e artista plástico cabo-verdiano José do Rosário Freitas Gomes. Trabalhou como técnica de pesquisa no Arquivo Nacional. No ano de 1972, Beatriz Nascimento concluiu a licenciatura e o bacharelado em história na UFRJ. Em 1974 começou a publicar seus primeiros textos e ensaios já voltados para as relações raciais e de gênero, principalmente sobre as importantes contribuições da população negra na construção da sociedade brasileira e sobre os quilombos.

Algumas de suas primeiras produções publicadas foram “Por uma história do homem negro”, “Negro e Racismo” e “A mulher negra no mercado de trabalho” entre outros importantes escritos. Além disso, Beatriz passou a participar de conferências e eventos acadêmicos relacionadas ao seu campo de pesquisa como a “Quinzena do Negro” em 1977 na Universidade de São Paulo (USP) e também começou a proferir palestras e dar entrevistas, expondo seus pensamentos e posturas críticas sobre a história do Brasil como uma história excludente e discriminatória,



ressaltando o necessário movimento de descolonização do conhecimento, sobretudo o acadêmico, para dar lugar ao negro, e não apenas um lugar de subalternização, marginalização dado há séculos, mas o lugar de fala, de prestígio, de produção e contribuições sociais, políticas e acadêmicas/científicas.

Beatriz Nascimento dá início no ano de 1979 ao mestrado em História na Universidade Federal Fluminense (UFF) e também a pós-graduação *lato sensu* na UFRJ. Em 1984 se tornou professora de História da rede estadual do Rio de Janeiro e em 1984 inicia o segundo mestrado, esse, porém na área de Comunicação Social, na UFRJ.

A ferrenha militante antirracista, mulher negra, brasileira, nordestina, historiadora, professora, poetisa, ativista e mãe, morreu aos 52 anos de idade vítima fatal de um feminicídio, ocasião na qual estava tentando defender uma amiga do namorado agressor e acabou assassinada.

Com todo seu histórico de lutas e vitórias, assim como a apresentação da capa da edição anterior, vamos finalizar esta apresentação agora com uma frase de Beatriz Nascimento, para que ela seja sempre lembrada, como alguém que ocupou (e ainda ocupa) um lugar de importância e destaque no cenário da militância e da luta antirracista, pois segundo a historiadora “A história da raça, negra ainda está por fazer, dentro de uma história do Brasil ainda a ser feita.”.

Profa. Ma. Beatriz Domingos da Silva

Professora de História da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação,
Cultura e Esportes do Acre (SEE/AC)
Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade
Federal do Acre (Neabi/Ufac)
Mestra em Educação pela Universidade Federal do Acre (Ufac)